

Seção Estudos

CONDIÇÃO HUMANA E MODERNIDADE NA OBRA DE ERNESTO SABATO HUMAN CONDITION AND MODERNITY IN THE WORK OF ERNESTO SABATO

Rodrigo Carlos da Rocha²⁴
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca²⁵

RESUMO

Este artigo toma como objeto de reflexão a obra não-ficcional do escritor argentino Ernesto Sabato, pensador inquietante e planetário, extremamente preocupado com a condição humana na modernidade. Marcada pela técnica, pelo cientificismo e pelo racionalismo, a modernidade se apresenta sombria, disposta a usurpar o espaço dos antigos valores, da espiritualidade e levar o ser humano a um abismo de abstração e superficialidade. A abstração que caracteriza as relações sociais modernas, a compulsão pelo trabalho e a desmitificação do mundo, entre outros fatores, representa um entrave à espontânea manifestação dos traços que caracterizam a condição de humanidade.

Palavras-chave: Ernesto Sabato; Modernidade; Condição Humana.

1 ESBOÇANDO CAMINHOS

Ciência e máquina foram-se distanciando até um olimpo matemático, deixando só e desamparado o homem que lhes havia dado vida. Triângulos e aço, logaritmos e eletricidade, sinusóides e energia atômica, estranhamente unidas às formas mais misteriosas e demoníacas do dinheiro, constituíram

24 Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), bolsista do PETICIS e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN).

25 Dr. em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN) e professor de Sociologia e Antropologia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ailtonsiqueira@uol.com.br

finalmente a Grande Engrenagem, da qual os seres humanos acabaram sendo obscuras e importantes peças. Ernesto Sabato.

A constelação de temas que envolvem a realidade planetária e a condição humana na contemporaneidade – a globalização da técnica e da economia, a mundialização da cultura, a onipresença da TV, a compulsão por trabalho – têm chamado a atenção dos intelectuais de todas as áreas do conhecimento, notadamente, aqueles das ciências humanísticas e sociais. E isso não é fortuito. O mundo contemporâneo tem sido palco de mudanças dramáticas e aceleradas; mudanças que perpassam todo o espectro da vida humana e da materialidade que a abriga, e que tem provocado reconfigurações profundas tanto no modo como nos relacionamos (com coisas e com pessoas), quanto naquilo que caracteriza nosso *eu* (GIDDENS, 1991, 2006).

No rol das preocupações em torno da realidade planetária e da condição humana nela inserida, encontra-se a obra do ensaísta e pensador argentino Ernesto Sabato. Este artigo parte, portanto, dessa fonte de conhecimento que é a obra não-ficcional desse intelectual, obra essa que ainda é praticamente virgem nas ciências sociais brasileiras²⁶. A leitura da obra ensaística de Sabato nos faz pensar em uma grande questão: que modernidade o homem construiu e que homem foi construído por essa mesma modernidade? A obra desse ensaísta nos coloca diante do desafio de repensar a condição humana na contemporaneidade. Esse é nosso objetivo neste breve artigo para o qual poucas referências intelectuais e teóricas, encontramos para aumentar o diálogo.

Ver-se-á, nas páginas seguintes, o ataque que a modernidade e os elementos que lhe são inerentes – a razão, a técnica, a ciência, o vício por trabalho, as relações utilitárias, a profusão da TV – perpetraram contra a condição de humanidade. Na medida em que a modernidade tende a desmitificar e a dessacralizar o mundo, a impelir os indivíduos ao estabelecimento de relações sociais abstratas, a condição humana é posta em

²⁶ Pesquisa realizada na plataforma *Scielo* em 16 de junho de 2009 com a expressão "Ernesto Sabato" e "Sabato" não obteve qualquer ocorrência atinente à obra do ensaísta argentino.

estado de latência; ela é açoitada e, por isso, ziguezagueia do alto de um precipício, na iminência de uma queda.

2 ERNESTO SABATO: NOTAS BIOGRÁFICAS

Trabalhar com literatura nas ciências sociais exige esforço, no sentido de contextualizar a obra referente dentro da realidade da qual ela emerge e com a qual ela dialoga. Exige situar o pensamento do autor e sua existência num contexto que abrange tanto os grandes acontecimentos em nível mundial, como em sua localização ou sua realidade específica. Como disse o próprio Sabato: “O contato com qualquer obra humana evoca em nós a vida do outro, deixa rastros que nos inclinam a reconhecê-lo e a encontrá-lo” (SABATO, 2008 P.17).

Nascido em 1911, na pequena cidade de Rojas, província de Bueno Aires, Ernesto Sabato ingressa, em 1929, na Faculdade de Ciências Físico-Matemáticas da Universidade Nacional de La Plata, onde foi bastante ativo politicamente. Ligou-se a um grupo anarquista e a partir de 1930, após golpe militar em seu país, filiou-se ao Partido Comunista, do qual seria Secretário Geral. Após participar de um congresso do partido em Bruxelas (Bélgica), em 1934, se desencanta com os ideais aí defendidos.

Em “Homens e Engrenagens”, ele mesmo comenta a esse respeito: a Europa imaginava que os males do movimento pudessem ser exclusivamente argentinos, mas não eram; de repente esse movimento revolucionário afundava sob meus pés (SABATO, 1993a, p.14).

Após doutorar-se em Física pela Universidade de *La Plata*, consegue uma bolsa para estudar radiação atômica no Instituto Curie em Paris. Depois de ser encaminhado para o *Massachusetts' Institute of Technology* (MIT), nos Estados Unidos, volta a Buenos Aires em 1940, época em que começa a ministrar aulas de Física na Universidade de *La Plata*. Em 1943, quando o mundo se retorcia em guerra, é quando o mesmo atravessa uma crise existencial: “vivi a tensão entre o universo abstrato da ciência e a necessidade

de voltar ao mundo obscuro e carnal a que pertence o homem concreto” (SABATO, 2000, p. 57-8). Foi nesse período que ele se afasta definitivamente da área científica e se dedica completamente à pintura e à literatura, meios específicos de se tocar no drama humano, no humano do humano. Ao ser acusado de trocar a ciência pelo charlatanismo e ser criticado pelos intelectuais que viam nele um futuro brilhante para a ciência, ele responde: “Muitos pensarão que é uma traição à amizade, quando é fidelidade a minha condição humana” (SABATO, 2000, p. 67).

É preciso apontar que não se tratou de uma mudança tão brusca como parece. Há alguns anos, Sabato publicava em jornais, como o *La Nación*, e em revistas, como a *Sur*, além de ter escrito textos surrealistas, quando esteve na França.

Em 1945, lança *Nós e o universo*, livro em que enceta o brado que caracterizará o plano geral de sua obra: a crítica à ciência, à tecnolatria, à desumanização dos tempos modernos. No limiar da década de 1950, lança mais dois livros não-ficcionais: “Homens e engrenagens” (1951) e “Heterodoxia” (1953).

A partir de meados do século passado, Sabato inicia uma série de publicações ficcionais literárias, mas continua refletindo os grandes temas que marcaram sua formação e suas obras anteriores. O romance “Sobre heróis e tumbas” (1961), considerado quase que por consenso o melhor romance argentino do século XX, é uma demonstração de suas preocupações com a modernidade e com a condição humana no mundo.

Além de receber vários prêmios internacionais, os quais dão mostra de seu reconhecimento, Sabato também atuou no campo dos direitos humanos, tendo lutado contra a ditadura argentina instaurada na década de 1960, tendo presidido a *Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas* (CONADE), já na década de 1980. Para ele, a II Guerra Mundial representou o uso desumano e irracional da ciência, ciência esta a qual por tantos anos se dedicou. A totalização dos estados nazista e soviético, bem como o aparato

tecnológico/militar dos Estados Unidos também davam sinal de como a ciência havia sido apropriada na modernidade.

Estes representavam a culminação de uma sociedade cega pelo mito da ciência e da máquina e já sem sensibilidade o bastante para reconhecer as grandes questões atinentes à condição humana.

3 TEMPOS MODERNOS

O trajeto intelectual de Sabato vai ao encontro da modernidade, esse tempo que desafia o pensamento e a própria condição humana. É preciso dizer, antes de tudo, que na obra de pensador planetário não se encontra um conceito de modernidade. Sua obra está permeada por sensações, por imagens e por sentimentos que se reportam a tal período e modo de vida. Sua produção não é sistemática, nem completa, muito menos abstrata. Longe disso. O autor é um ferrenho crítico das teorias abstratas que colocam o homem em segundo plano, enfocando-o apenas como figurante, quase sem importância. Sua pena vagueia cambiante e sem amarras disciplinares. Seus escritos, como ele próprio diz a respeito de “Homens e Engrenagens”, são tão-somente “a expressão irregular de um homem de nosso tempo que se viu obrigado a refletir sobre o caos que o rodeia” (SABATO, 1993a, p. 14).

A modernidade sabatiana é o estilo de vida oriundo do Renascimento, cuja produção se deu através de três paradoxos: (1) movimento individualista que resultou na massificação; (2) movimento naturalista que resultou na máquina; (3) movimento humanista que resultou na desumanização do homem. (SABATO, 1993a). O homem moderno vive com a incerteza de quem entrevê um abismo, portanto, naufrago nas trevas (SABATO, 2000, p. 88-9). Estes três paradoxos são redutíveis às duas forças dinâmicas que se intensificariam a partir de então: o dinheiro e a razão que, juntos, dão assento a um mundo profano, característico da contemporaneidade. Como salienta o autor, a tecnologia e o racionalismo foram meios que os positivistas postularam como archotes que haveriam de iluminar o caminho rumo ao progresso. O início

desse século surpreende-nos às escuras, e a evanescente claridade que ainda resta parece sinalizar que estamos rodeados de sombras (SABATO, 2000, p. 88). A ciência e o dinheiro são duas facetas dessa mesma realidade que nos envolvem.

O dinheiro, que alcançou significativa profusão nos dias atuais, é responsável por mudanças profundas nos relacionamentos das pessoas e até nos padrões avaliativos que se usa para valorar o mundo, os seres humanos e as coisas. O dinheiro representa um ensejo para a impessoalidade das relações que os homens tecem entre si, visão essa também compartilhada pelo sociólogo Georg Simmel, a quem o autor referencia diretamente em “Homens e Engrenagens” (1993a).

O dinheiro estabelece uma frouxa relação entre os indivíduos. Estes, por sua vez, quase sempre não apresentam nenhum interesse entre si, senão o de estabelecer um negócio despojado de qualquer matiz sentimental ou integrativo.

Sabato também ressalta o caráter nivelador do dinheiro. Este tem o poder de colocar coisas de substâncias diferentes dentre de uma mesma escala avaliativa. As coisas, com a profusão do dinheiro, passam a ser avaliadas em termos de “quanto vale?”. Desta forma, o valor venal é o que passa a importar (SABATO, 2008; SIMMEL, 1987).

Pela impessoalidade e caráter nivelador que expressa, o dinheiro é algo abstrato, dado seu caráter facilitador da troca de mercadorias concretas. Junto aos bancos e ao sistema financeiro, que dominam o mundo moderno, está distante da concretude da vida e da produção das mercadorias de que o ser humano tem necessidade para viver.

A razão, por sua vez, não é o amálgama das categorias fundamentais do entendimento, de que fala Durkheim em seu esboço de sociologia do conhecimento. Este autor francês estabelecia a razão como algo mutável, dado que constituía um substrato social. Nessa perspectiva, não haveria a razão (a razão comum a todos), mas muitas razões possíveis (DURKHEIM, 1996). Quando o autor argentino fala em razão, ele se refere a uma expressão

específica dela: a racionalidade, dado que, para ele, “a razão[...] [seria] universal” (SABATO, 1993b, p. 137).

Se a razão é universal, ela existiu na vastidão do tempo e do espaço histórico. Qual seria a especificidade da racionalidade moderna? Seu escopo, seu papel. Diante do mundo capitalista, que caminha numa velocidade cada vez maior, para a ciência abstrata, a racionalidade prepondera em comparação aos sentimentos, à emoção, e ao irracional. Na modernidade, para colocar a discussão em outros termos, predominam – ao menos enquanto ideal a ser vividamente buscado – as ações instrumentais, que nada mais são que aquelas friamente calculadas para a consecução de dado fim.

A racionalidade está associada à técnica, a serviço da ciência e do cálculo mercadológico. É por isso que, para Sabato, essa racionalidade aliada ao materialismo e ao individualismo se tornou um monstro de três cabeças (2000, p.91). É essa lógica que está reduzindo a educação ao conhecimento da tecnologia e da informática, úteis para os negócios, mas carentes dos saberes e valores fundamentais. A humanidade do homem está se eclipsando (SABATO, 2000, p. 98-104).

As pessoas com as quais nos relacionamos são, antes de tudo, degraus, ou melhor, meios para que realizem projetos racionalmente traçados (escalada na carreira, aumento de salário, por exemplo).

A modernidade abriga, pois, uma supervalorização do racional, que se faz acompanhar (como não poderia deixar de ser) de um embotamento dos sentimentos, do desejo, do que é subjetivo, ou seja, dos ingredientes que, na opinião de Sabato, são verdadeiramente essenciais à vida humana. De forma complementar, a supremacia da racionalidade deplora aquilo que ela não consegue explicar, aquilo que a lógica passa ao largo.

As duas tendências até aqui esboçadas, desembocam em um só movimento de abstração que caracteriza a modernidade.

Poder-se-ia dizer, em um nível ideal, que, à medida que se aprofunda a modernidade, aumenta a abstração que enevoa o viço inerente à condição humana.

As relações sociais que tomam a maior parte de nosso tempo são, em condições de modernidade, abstratas. O ato de provimento de nossas necessidades materiais e simbólicas, que inevitavelmente passa pelas estantes (reais ou virtuais) de um estabelecimento de vendas, evidencia satisfatoriamente isso. O comércio nosso de cada dia, do alto de seu agigantamento (já não se trata mais de comprar de nossos vizinhos ou da simpática velhinha da bodega da esquina), enseja relações abstratas: um clique ali, outro acolá, ou o transporte dos produtos ao caixa do supermercado em que um funcionário comandado por uma sorte de regras de conduta, concebidas na intenção de aumentar o lucro, age como se fosse uma máquina.

As relações mercantis dos tempos modernos já não gozam da humanidade de outrora. Diz Ernesto Sabato:

Os mercados de hoje já não são aqueles aonde iam as mulheres, com suas bancas de frutas, de verduras, de carnes, uma verdadeira festa de cores e cheiros, festa da natureza em plena cidade, atendidas por homens que vociferavam entre si, enquanto nos contagiavam com a gratidão por seus frutos (SABATO, 2008, p. 16).

A abstração, não obstante sua efetividade para o empilhamento do montante de lucro, afronta a condição humana, “porque à medida que nos relacionamos de forma mais abstrata, vamos nos afastando do coração das coisas, e uma diferença metafísica se apossa de nós, enquanto entidades sem sangue nem nome tomam o poder” (SABATO, 2008, p. 14).

Sabato também destila sua crítica sobre aquilo que tem sido apontado como um dos principais fatores ligados ao isolamento humano: o hábito de ver TV. Na contemporaneidade predominam as imagens das mídias e a cultura de consumo. A televisão tem penetração quase total na sociedade. É quase onipresente. Aonde quer que se vá, há um televisor a irradiar vivamente seus sonhos: no supermercado, na farmácia, nos hospitais, nos cafés entre outros espaços.

Com a prerrogativa de nos ligar ao mundo e ampliar nosso entendimento e conhecimento, a televisão tem provocado um efeito contrário e imprevisível: a atomização dos indivíduos. “O paradoxal é que essa tela nos dá a sensação de

estarmos ligados ao mundo inteiro, quando na verdade ela nos rouba a possibilidade de convivermos de forma mais humana”, esclarece Sabato (2008, p. 14).

O que mais inquieta Sabato é a produção de um certo tipo de homem que essa modernidade maquinal vem produzindo: um homem solitário e vazio, carente e angustiado porque se percebe afastado do outro. A TV retira de nós e nos faz esquecer aqueles momentos genuínos, aquelas ocasiões em que podíamos nos relacionar mais abertamente com o outro, momento de descontração e de confiança recíproca, momentos em que as pessoas paravam para olhar umas para as outras e se escutarem. Não são raras as ocasiões que vemos a TV ser o único fator a reunir a família na sala e a única a falar durante o almoço ou jantar familiar. As pessoas ficam diante da televisão como se fossem insetos fascinados pelo brilho de uma lâmpada fluorescente. E mais: a TV “nos tira a vontade de trabalhar em algum artesanato, de ler um livro, de fazer um conserto na casa enquanto se escuta música ou se toma um mate”. E acrescenta: “Ficar monotonamente sentado diante da televisão anestesia a sensibilidade, torna a mente lerda, prejudica a alma” (SABATO, 2008, p. 15).

O embotamento da alma e da sensibilidade também tem sido matéria de preocupação constante de Sabato. Para ele, o caos do mundo moderno não pode deixar de repercutir em nosso próprio interior, naquilo que nós somos, naquilo em que acreditamos. Nessas condições, nosso interior é colonizado na proporção exata de nossa inserção no mundo dos sonhos industrializados.

Por outro lado, a globalização, com seu poder de estabelecer elos entre culturas diferentes, prepara o terreno para a relativização das crenças, e, o que é pior, para a submissão das particularidades culturais a um padrão global. Nesse cenário, a religião perde força e as grandes narrativas que uniam os homens sob uma só paternidade (Terra-Pátria) são quebradas, dando lugar à angústia de se viver apartado do universo e do que é transcendental.

Os valores ligados ao encantamento do mundo – e suas consequências para o senso de comunidade, de solidariedade e de bem-estar psíquico – são

acossados. Por conseguinte, pululam indivíduos órfãos de qualquer filiação divina, carentes daquela satisfação que a religião e o lado mítico da vida podem dar.

É preciso matizar a afirmação precedente. O retorno às igrejas que ocorre atualmente não deve ser confundido com um legítimo retorno à religiosidade, pois “muitas vezes trata-se de uma coisa superficial, adaptável a qualquer modo de vida, como um cômodo abrigo que nada exige, sem o abismo da fé que a verdadeira religiosidade comporta” (SABATO, 2008, p. 45).

O mundo hodierno, mundializado, globalizado, funcionalmente integrado, abriga em seu palco de ações indivíduos que se assemelham às engrenagens de qualquer autômato. A ação típica do indivíduo benquisto é a pragmática, a funcional, a utilitária. Dado isso, não é de se surpreender a preponderância que tem o trabalho para nossas vidas.

Já não trabalhamos para viver. Vivemos para trabalhar. À medida que a modernidade açambarca tudo e todos, a vida se torna mais e mais um *meio* a serviço de um fim maior: trabalhar, ganhar dinheiro, empilhar uma porção de bens materiais e de cifras na conta bancária, as quais, não obstante, não teremos tempo de usufruir.

De fato, “são muito poucas horas livres que o trabalho nos deixa”. Tomamos nosso café da manhã pensando nos problemas do escritório, porque vivemos como produtores que estamos perdendo a capacidade de parar por alguns minutos diante de um mate compartilhado (SABATO, 2008, p. 18).

É impossível se falar de modernidade sem se referir ao tempo. Um é indissociável do outro, pois um é sempre alterado pelas mudanças que ocorrem no outro e vice-versa, ao ponto de serem confundidos. Mas é bom ressaltar que, na modernidade, o tempo se desnaturaliza e adquire a precisão matemática da ciência. O tempo intuitivo, ou seja, o tempo da vida longe das abstrações da modernidade é deixado para trás (SABATO, 1993a). A vida já não corre de acordo com o ritmo ditado pelos ritos, pelas festas tradicionais e pelos grandes acontecimentos. O tempo de hoje se resume ao tique-taque dos relógios, ao labirinto de números que é o calendário pelo qual ordenamos

nossa vida. O que vale é a produtividade. Afinal, como reza o ditado tão comum e característico de nossa civilização: tempo é dinheiro!

Esta pequena sentença, que parece constituir o cerne do espírito da nossa época (o *Zeitgeist*), corresponde à seguinte prescrição: *nosso precioso tempo não deve ser desperdiçado com coisas não rentáveis*. O resultado disso tudo é, segundo Sabato, a vertigem, a pressa, a obsessão por cumprir horários.

“Alguma coisa pode florescer a tal velocidade?”, pergunta o escritor argentino, parecendo aludir à impossibilidade de exercitamos nossa humanidade nessas condições. Para o autor, uma possível saída está na restituição do homem e dos seus valores fundamentais. É impossível tentarmos construir um mundo melhor sem revermos a imagem que se tem feito do homem no mundo.

4 A CONDIÇÃO HUMANA

A obra de Ernesto Sabato não oferece um apanhado sistemático e direto acerca da condição humana. Temos, a cada página virada, respingos que nos remetem ao cerne da vida humana, tal como a concebe o autor.

Para Sabato, a vida humana é naturalmente aberta, receptiva ao que lhe vem do exterior, às relações que os homens estabelecem com seus pares. A convivência com o outro não é só fator de socialização nas normas da civilização; não se restringe a algo que será funcional; é, também, o que nos mantém vivos e genuinamente humanos. A cada contato com o outro – e vale dizer a cada contato através do qual acessamos a alma do outro – é atualizada a humanidade que jaz em nossas entranhas.

O homem é, simultaneamente, irracional, contraditório, plural. É uma inconstância, hesitação, potencialidade de dizer e desdizer, de ser Deus e ser Diabo. Jamais será a pureza de elementos isolados, tal como ocorre nas análises científicas, pois o homem não é redutível a categorizações, do modo como o são os minerais e os fósseis.

A condição humana que anima nosso peito também nos impele a sermos atentos às verdades do coração, ao que não pode ser expresso em termos de números ou de sentenças estritamente limitadas aos postulados da identidade e da não-contradição.

"Existem nos homens uma raiz profundamente irracional e um forte sentimento religioso" (SABATO, 1993a, p. 91), sem a dimensão mítica da vida, o homem não é homem. Sua condição última é transcendental. Sem o mito, as crenças transcendentais e os valores que a ela se ligam, somos meros animais rasteiros, ou, o que é pior, máquinas sem sangue nem coração.

O homem se apresenta como a síntese de antítese: é abstrato e carente de sangue e de concretude; quer o conhecimento trágico e poético, quer se amalgamar não só com a razão, mas com a paixão e a vida. O homem se rebela contra o geral e o abstrato, contra o princípio da contradição: é e não é, é santo e demônio, é pequeno e, ao mesmo tempo, capaz de façanhas portentosas (SABATO, 1993a, p. 95).

O homem é, sobretudo, comunhão. Partilha de suas angústias, de seus medos e de sua fraqueza com seus iguais. A condição de nossa humanidade é revigorada a cada contato pleno que se é estabelecido, a cada terno olhar que vai em direção de outro, a cada vez que somos invadidos por aquele sentimento a que chamamos *amor*.

A condição humana passa pela comunicação de almas. "Somente mediante a plena relação com um *sujeito* (corpo e alma), podemos sair de nós mesmos, transcender nossa solidão e conseguir a comunicação" (SABATO, 1993b, p. 59).

Se a modernidade resultou no terrível paradoxo da desumanização da humanidade, para reconstruirmos humanamente o mundo é necessário humanizar o homem, reencantar a vida. Mas para reencantar a vida é necessário que a alma humana passe pelo mesmo processo. E o primeiro passo é o homem se permitir mudar e ver o mundo com aquilo que nele (o mundo) falta.

5 PARA CONCLUIR: A APOSTA

Ao acompanhar o itinerário do pensamento de Sabato, é possível dizer que as condições e o ritmo de vida moderna reconstróem o homem do qual precisa, tirando-lhe quase a totalidade das oportunidades de manifestação espontânea. O vício de trabalho, de que a modernidade é portadora, e os relacionamentos abstratos, velozes e superficiais nos colocam longe do cerne da humanidade de nossos pares e de nós mesmos.

A profusão de aparelhos tecnológicos que adornam nossas casas, os espaços de comercialização e quase todos os cantos, se, por um lado, potencializam relações antes inimagináveis, por outro, nos impelem ao estabelecimento de relações cada vez mais superficiais e estritamente funcionais.

Nessas circunstâncias, nossa condição humana fica adormecida ou alterada para ser usada na lógica mercadológica da modernidade.

Nesse mundo nebuloso, já não é preciso ter engajamento pessoal com nada. Tudo é distante, é frio, é *moderno*. O acesso ao outro, que se espera como resultado do relacionamento humano, é embotado. Nossas relações são tão rápidas e pragmáticas que não conseguimos ver a humanidade de quem jaz diante de nós. Pelo contrário. Relacionamo-nos cada vez mais como mercadorias que têm de modelar-se ininterruptamente em um jogo sem fim. Temos que ser produtores, pois, do contrário, ficaremos para trás, tal como acontece com aqueles que, após décadas e décadas de trabalho destinado à salvaguarda da família, são relegados para a penumbra da vida social.

A desmitificação do mundo arranca o homem de seu lugar no universo, dando-lhe, em contrapartida, angústia, desespero e desordem mental. As estruturas dos mitos cosmogônicos, que colocavam os seres humanos sob uma mesma filiação, foram abaladas, fazendo com que o elo transcendental entre os homens atrofiasse.

A beleza, a coragem, a verdade, e a solidariedade degeneram frente ao individualismo, à preponderância das mensurações de valor baseadas

unicamente em dinheiro. Em um mundo profano, a verdade é um território cada vez mais aberto à incerteza, tornando o ser humano órfão desse sentimento de inteligibilidade absoluta que o acompanhou desde tempos longínquos.

Para Sabato, fidelidade à condição humana é seguir o trilho que leva o homem àquilo para o qual acredita que nasceu. Mas isso, na modernidade, não é coisa fácil. “Infelizmente, pelas condições desumanas do trabalho, por educação ou por medo, muitas pessoas não se atrevem a decidir conforme sua vocação, conforme esse apelo interior que o ser humano escuta no interior da alma” (SABATO, 2008, p. 98).

Apesar de todas as atrocidades e dos caminhos errados que temos tomado, o homem não pode ser despojado completamente de sua humanidade, porque “o homem não é um mero animal, mas também espírito, jamais podendo ser, portanto, algo totalmente inumano” (SABATO, 1993a, p. 111). Enquanto existir um fio de humanidade, haverá a possibilidade de reverter a trágica situação em que nos encontramos.

É preciso seguir em frente e lutar em busca de uma nova síntese que una indivíduo e comunidade, e que destinem à ciência e à máquina ao estrito território ao qual pertencem (SABATO, 1993a). É preciso, mais ainda, acreditar no ser humano, no seu poder de resistir às intempéries que os tempos modernos representam. Esta é a aposta de Sabato, uma utopia possível.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes: 1996.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **O mundo na era da globalização**. 6 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

SABATO, Ernesto. **Homens e engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada do nosso tempo**. Campinas-SP: Papyrus, 1993a.

_____. **Heterodoxia**. Campinas-SP: Papyrus, 1993b.

_____. **Antes do fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.